

“JAMAIS PEÇO DESCULPAS POR ME DERRAMAR”: ENSAIO SOBRE INQUIETAÇÕES E POSSIBILIDADES

Aline Cristine dos Santos

Graduada do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – RO. cursita da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (UNIR), alinecsantos11@gmail.com ;

Pâmela Vicentini Faeti

Docente do Departamento de Educação e da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Rondônia-RO campus de Rolim de Moura. Doutora em Educação (UEM/PR), pamelaFaeti@unir.br;

Samilo Takara

Docente do Departamento de Educação e da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola no Campus Rolim de Moura e no Programa de Pós-Graduação em Educação no Campus José Ribeiro Filho da Universidade Federal de Rondônia-RO. Doutor em Educação (UEM/PR). Pós-Doutor em Comunicação (UEL/PR), samilo@unir.br;

Resumo

O presente texto exterioriza as inquietações e dores pelas nítidas ausências de referências de mulheres negras como agentes produtoras de conhecimentos/epistemologias. Parto do pressuposto de que as experiências e as metodologias branca/dominante não conseguem abarcar os atravessamentos que nós, mulheres negras temos, pois não dialogam com o nosso jeito de ser, estar, pensar e atuar no mundo. Portanto, como a vida e a arte não estão separadas, problematizo sobre as ausências de referências de mulheres negras, enquanto agentes produtoras de conhecimentos, a partir da poesia dissidente de Ryane Leão. Busquei conciliar a arte das palavras e o poder que as mesmas

têm de deslocar e provocar desconfortos, de colocar no colo e fazer cafuné e quem sabe até emanar micros revoluções. São essas dores, de séculos de silenciamentos, que tem provocado em nós mulheres negras, a rebeldia de erguer a voz e gritar, se preciso for, para que sejamos ouvidas. Mesmo porque, não basta ter somente o lugar de fala, se não somos escutadxs e respeitadxs em nossos direitos em dizer que nossas vidas importam, que nossos conhecimentos são válidos.

Palavras-chave: Ausências, Inquietações, Mulheres negras, Referências, Poesia.

Introdução

Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas (bell hooks, 2013, p. 103).

Trago essa afirmação da bell hooks (2013) como abertura deste texto, por sentir e entendê-la como balizadora de minhas contínuas caminhadas à busca de uma teorização que me contemple nas minhas inúmeras possibilidades de pensar e atuar no mundo. O confronto de minhas inquietações com os processos de estar sendo em que me encontro. E a angústia que sinto em não me ver nas epistemologias enquanto sujeito que propõe, constrói e tem conhecimento validado, são as experiências que acionam esta discussão.

Sigo construindo e desconstruindo com muito esforço um lugar onde minha indignação e dor possam sustentar este debate e dialogando com Sandra Mara Corazza (2002) a partir dali ir “[...] lançando flechas para outras direções e lugares quem sabe, inclusive, voltadas para onde inicie” (CORAZZA, 2002, p. 2), para estabelecer reflexões possíveis com outros que também estão ressignificando-se ao longo do caminho. Para Corazza (2002) “[...] o difícil mesmo, como Foucault escreveu, é sair-se do que se é, para criar outros possíveis de ser; e aqui não se trata disso porque tal dificuldade já vem sendo experimentada no próprio processo de investigação” (CORAZZA, 2002, p. 2). São estas premissas que venho empreendendo neste processo de sistematização das minhas inquietações acerca dos percursos da pesquisa.

Na graduação, basicamente, não tive contato com as/os pensadoras/res que me estimulassem a pensar nos meus atravessamentos enquanto mulher, negra, camponesa e tantas outras possibilidades de ser e estar pessoa no mundo. Foi no finalzinho da graduação que, em proximidade e diálogos com um professor, ele me apresentou um repertório vasto e riquíssimo de mulheres, sobretudo, mulheres negras, que também estavam atravessadas semelhantes ou equivalentes com as minhas próprias inquietações. Assim, permeio por dobras e redobras de questionamentos que ainda seguem sem muitas resoluções que consigam saciar as minhas curiosidades.

Gayatri Spivak (1985, p. 82) explica que “[...] a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser de criar espaços por meio dos quais os sujeitos subalternos possa falar para que, quando ele ou ela o faça possa ser ouvido (a)”. Logo, percebe-se que é uma tarefa árdua para ambas as partes: da mulher negra que lê, estuda, pesquisa, discute e quer se ver representada nas mulheres negras que estão ocupando os espaços de discussões e construções de narrativas e de ciências.

Para tanto, Corazza (2002), instiga a pensarmos aquém das metodologias que já estão posta e são previsíveis. De acordo com Corazza (2002) “[...] as teorias da Modernidade acostumaram-se a fechar nossas portas e janelas investigativas, de maneira a obstaculizar e até impossibilitar a criação de perturbadores, porém, criadores labirintos” (CORAZZA, 2002, p.4). Pressuponho que esses labirintos sejam as possibilidades para outras interpretações e produção de conhecimentos teóricos. Haja vista que, se não adentramos estes possíveis labirintos de pesquisas, a tendência segundo a autora, de que “tanto o ponto de partida, quanto o percurso, e mesmo o ponto de chegada são, tediosamente, visíveis” (CORAZZA, 2002, p. 4), logo, precisamos ousar entrar nestes labirintos pelas brechas que pudermos passar ou romper.

Não sei em que se sustenta o estereótipo de que nós mulheres negras somos sempre aquelas que se expõe visceralmente, que optamos pelo papável ao hipotético, o material ao teórico. Somos sim perpassadas por todas essas variáveis, entretanto, são possibilidades movediças, flutuantes e não algo taxativo e fixo. Queremos e exploramos conceitos e teorias que dialogam conosco. Dessa forma, o texto de Lélia Gonzalez (1983), intelectual negra e feminista, rompe e descumpra com a lógica de dominação que nos coloca, negrxs, “na lata de lixo da sociedade brasileira”, ao afirmar a voz em primeira pessoa que:

O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans*, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (GONZALEZ, 1983, p. 225).

Não encontrando perspectivas que acolham nossas inquietações, estamos rompendo as fronteiras do conhecimento que não nos cabem e, construindo outros entendimentos possíveis e cabíveis às nossas formas de interpretar e interagir com e no mundo. Deste modo, segundo

bell hooks (2013, p. 181) “a mulher negra tem aguda consciência da presença de seu corpo nesses ambientes que, em certo sentido, está em conflito com a estrutura existente por ser uma mulher negra, quer professora, quer aluna”. Por conseguinte, hooks reforça que “se você quiser permanecer ali, precisa, em certo sentido, lembrar de si mesma - porque lembrar - é sempre ver a si mesma como corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com sua dimensão física” (HOOKS, 2013, p. 181).

Na trajetória de constituição de nós mulheres enquanto sujeitas, há uma construção de inferiorização das mesmas, fundado e perpetuado pelo sistema de relações pautado na hierarquização e em relações de poder que, nos colocam, mulheres negras, historicamente, como subalternas. Pensando e vivendo os momentos atípicos¹ no Brasil, elenco recortes deste quadro geral que, a meu ver, são interessantes para analisar as teorias e as discussões políticas que possibilitam outros olhares possíveis em relação a questões raciais, as políticas afirmativas, gênero, classe assuntos discutidos também com Sueli Carneiro (2003), Angela Davis (2016), Lélia Gonzalez (1984).

Portanto, sugiro e empreendo proposições que dialogam com o conceito episteme foucaultiana de que, dito à grosso modo, num determinado momento histórico, há um conjunto de regras e princípios que predominam e que possibilitam que certas coisas – e não outras – sejam ditas (ou sejam pensadas, concebidas) (cf. Silva, 1999). Assim sendo, como diz Judith Butler, “os corpos, na verdade, carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (Butler *apud* PRINS & MEIJER, 2002: 163), discursos que, na maioria das vezes, se respaldam no par branquitude/negritude.

1 Me refiro ao ano de 2020 por ter sido um ano atípico, conturbado. Vivemos momento de distanciamento social (pelo menos é o recomendado) por causa do estado pandêmico. Vivenciamos as constatações visíveis das desigualdades sociais em que nos encontramos, crescimentos de campanhas em favor da vida de pessoas negras haja vista que estas são tidas com desumanidade. Os dispositivos eletrônicos alcançaram um patamar altíssimo de acessos, logados, basicamente, vinte quatro horas por dia, sejam eles para o trabalho, estudos ou para o lazer e entretenimento. O que não pode passar despercebido são as disputas políticas e de poder que continuam aumentando e com um fervor até mais aguçado agora em que a mídia dita de maneira quase que oficial os números das crises econômicas, das mortes (que tem se tornado no mundo mais como estatísticas, gráficos e dados), dos conflitos sociopolíticos, enfim, de tudo o que acontece no mundo.

Metodologia

O percurso metodológico que organiza a exposição da discussão é uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório que provoca a problematização das ausências de referências de mulheres negras como agentes produtoras de conhecimentos/epistemologias, estabelecendo diálogo com a poesia ressonante de Ryane Leão.

Resultados e discussão

Cambiante entre todas essas possibilidades de expor meus pensamentos, destaco que a poesia tem sido uma pausa revigorante neste caminho tão árduo, nesses tempos tão difíceis. Por isso considero a arte da escrita poética, um artefato de ressignificação e diálogos entre percursos de investigação, entre teorias e práticas.

“me leem zona de perigo
me pedem pra sorrir mais
me definem como assustadora
cara fechada, cara de brava
não pertencço, não encaixo
e não sinto vergonha
crio minhas próprias regras
só me comprometo com linhas
e com a euforia dos meus ossos
não fico submersa
em uma lista de como agir
para que me amem
basta que eu me abraçe
mulheres como eu estão em toda parte
em toda parte
e não é preciso coragem
para se aproximar delas
preciso se aliar ao motim
preciso
arder” (LEÃO, 2019, p.23).

Meu primeiro contato com a escrita poética de Ryane Leão, aconteceu numa viagem a São Paulo em 2019. Fascinada com seus poemas e considerando-os bem próximos a minha vivência e experiência de mulher negra, comprei seu primeiro livro “Tudo nela brilha e queima”, publicado em 2017. Ali, tive uma sensação de cafuné nos cabelos,

de conforto na alma quando lia, devorava, cada uma de suas poesias tão humanamente condizente com minhas vivências pessoais. Logo recordei de Conceição Evaristo e suas escrevivências.

Para Evaristo (2009), a escrevivência, juntamente a diversos recursos metodológicos de escrita, usufrui-se da experiência de quem escreve para oportunizar narrativas que falam e consideram a experiência coletiva e individuais de mulheres. Aqui de mulheres negras. Evaristo (2009) reflete que, em uma escrevivência, “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas”. Escrever constitui, nesse sentido, contar histórias particulares, mas que, contudo, viabilizam as outras experiências em comuns, haja vista que entende existir um constituinte específico entre quem escreve e é também protagonista, quer por características compartilhadas por intermédio de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivida. Antes de mais nada, em consonância com Ryane, “eu vou escrever com essas mãos que têm textura de força da natureza” (LEÃO, 2019, p. 82). Afinal de conta, a gente tem que se permitir sair volta e meia dessa lucidez para aguentar tudo isso.

Estabelecer diálogos com a poesia de Ryane junto às minhas inquietações é conciliar a arte das palavras e o poder que as mesmas têm de deslocar e provocar desconfortos, de colocar no colo e fazer cafuné e, quem sabe, até emanar algumas micros revoluções. Para Leão (2019) mesmo em meio a tantas situações complicadas, faz necessário ir buscando sutilezas:

Mesmo na correria, eu sigo em busca das sutilezas. não posso deixar as distrações passarem batidas. o peso do mundo não vai tomar conta de minha pele se eu me atentar às brechas, às margens. anteontem eu vi o mar. recebi abraços apertados que me agradeceram pelos poemas que escrevo com o coração na ponta dos dedos. hoje de manhã as folhas das árvores balançaram com o vento e o barulho foi tão bonito. daqui a pouco começo a cozinhar porque vou receber em casa as pessoas que amo. quero saber de cor o que me traz paz, embora não sejam permanentes as belezas. o caos também não é. e eu estou mudando a cada minuto, então tudo bem. há algo que resiste por entre os escudos, que me lembra que existe uma coisa essencial em ser uma mulher que se reconstrói diariamente: eu sou profunda demais pra acabar (LEÃO, 2019, s/p).

Ryane (2019) ao dizer “[...] existe uma coisa essencial em ser uma mulher que se reconstrói diariamente”, nos provoca a ir além do que já foi nos tuteladxs chegar. Ela relembra para as diversas formas de mulheridades, no meu específico camponesa e negra, que somos profundas demais, que temos nossas ancestralidades como aconchego. Ou seja, as tantas que nos precederam são as baluartes, referenciais de lutas e resistências e por isso não podemos permitir acabarem conosco e com nossos sonhos.

Estando eu, geograficamente distante dos grandes centros urbanos em que se concentra ainda a maior parte da sistematização e pesquisas acadêmicas, sinto-me provocada apreender e discutir possibilidades de construção e desconstrução de narrativas possíveis. Se bem que, de minha parte, esta ausência é uma falta que busco criar condições de supri-las. Seja por intermédio de leituras, referências e diálogos com aqueles e aquelas que podem pensar comigo outros olhares possíveis, seja pelo fato de que estou inserida neste espaço acadêmico, nas discussões e produções de conhecimentos e metodologias, fomentando e problematizando estas inquietações e angústias. Me derramo, sim, mas reergo-me e caminho.

É notável que aqui, destas paragens do poente, pouquíssimo debatemos, utilizamos, como conhecimento acadêmico, científico e de fundamentação referencial, as intelectuais negras, sejam elas, pertencente aos trópicos no hemisfério sul, sejam elas, vindas através do Atlântico. Mesmo porque, atrelado a ideia da concentração de riquezas, estudos, pesquisas e perspectivas da relação centro/periferia, também temos e entendemos esse próprio modo como uma lógica que desprivilegia os conhecimentos das margens, do campo e das comunidades em que valoriza e reconhece como lugar o centro, a cidade e a ideia de capital.

Se as relações étnico-raciais são histórica e socialmente construídas e instituídas conforme as representações culturais e de construções de imagens, de acordo com Stuart Hall “a representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados”, assim sendo, continua o autor “as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas (HALL, 1997, p. 61 *apud* TESSAROLO; SILVA 2017, p. 38). Sendo as representações e validades de conhecimentos atribuídas por grupos sociais, culturais

e econômicos, é costumeiro que algumas triunfem com mais visibilidade que outras.

Segundo Leão (2019) “[...] a poesia não quer dizer que sobreviver é artístico. Sobreviver dói e arranca sangue. É que as palavras têm dessas de acalantar” (LEÃO, 2019, p. 18), assim, os incômodos, inquietações e as instabilidades trazidos, sobretudo, pelas mulheres negras nos espaços de produção de conhecimentos, as ditas certezas foram colocadas sob suspeita, sob a ótica da dúvida, num desviar-se desse caminho - branco, patriarcal, heterossexual, elitizado - antes percorrido e tido como único.

Por aqui, o problema de precárias representatividades negras nos espaços de debate e de poder, não são aceitos com complacência, mas gerado, tecido e projetado com insatisfações.

De que valerão meus escritos se outras não falarem, não se encontrarem, não dançarem, não se manifestarem, não protestarem, não se erguerem. **De que valerão meus escritos se eu me esquecer de direcioná-los para aquelas que engolem silêncios em seco** que escondidas oram ao impossível que no ônibus às cinco da manhã fecham os olhos e sonham rumos que focam em tapar os vergões que nunca soltaram do peito os leões, que estão habituadas a vestir inseguranças. Eu que agora tenho voz audível não falarei por ninguém, **convidarei para virem ao meu lado para não deixarem se apagar ou desencorajar**. De que valerão os meus escritos **se eu não convocá-las se eu ignorar da onde vim, se eu parar em mim** (LEÃO, 2019, p. 152 grifos meus).

Quando entendemos que o já-sabido não mais nos cabe, mesmo porquê, como propõe Corazza (2002), “[...] pode parecer pouca coisa, uma banalidade, algo de menos-valia, atribuir a um sentimento o mote para que se investigue, mas não é” (CORAZZA, 2002, p.6). Simultaneamente estas brechas precisam se tornar múltiplos caminhos, entendendo que ninguém pode estar confortável enquanto aniquila, anula nossas existências, nossos conhecimentos. Quando juntamos nossas vozes e impulsionamos nossos saberes para além dos nossos quintais e guetos, a gente deixa de se apequenar diante

das políticas de mortes² (axé Mbembe, 2018) e vamos reapropriando dos espaços, assumindo nosso “lugar de fala³” (salve Djamila Ribeiro, 2017) e discutindo que é preciso e necessário “ensinar a transgredir”⁴ (viva bell hooks, 2013).

Diante dessas inquietações das quais a escrita nos permite passar, recordo Glória Anzaldúa (1981) que nos ensina como o ato de escrever é poderoso. Para ela temos que escrever, “porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (ANZALDÚA, 1981, p. 232). E como nossas histórias têm sido sabotadas, distorcidas e apagadas.

- 2 O conceito criado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe ganhou notoriedade nas discussões decoloniais brasileiras com a publicação de alguma de suas obras -- como o livro *Crítica da razão negra* e o ensaio *Necropolítica*. “Necropolítica é a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada. Para Mbembe, a necropolítica não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também. Esse poder de morte, esse necropoder, é um elemento estrutural no capitalismo neoliberal de hoje, atuando por meio de práticas e tecnologias de gerenciamento de morte de certos grupos e populações”, explica Mariana Castro, pesquisadora de necropolíticas da fronteira, mestra em políticas públicas e direitos humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <https://educacaoeterritorio.org.br/glossario/necropolitica/?gclid=CjwKCAiAo5qABhBdEiwAOtGmb_rk6v7JDBqZwFmZUzLSBv61VdS9k9cdQI5KNtwDo-TWL3mrKO_-whoCLxUQAvD_BwE>
- 3 Djamila Ribeiro, filósofa, feminista negra e escritora, teve seu livro *O que é lugar de fala?* lançado em 2017. Nele, Djamila apresenta um panorama histórico sobre as vozes que foram historicamente interrompidas. A partir disso, é possível questionar: quem tem mais chances de falar (e ser ouvido) na sociedade? Ao analisar a população brasileira, vemos que as minorias (grupos marginalizados na sociedade) ainda ocupam poucos espaços políticos sendo menos representadas e, por consequência, menos ouvidas. É nesse momento que entra o lugar de fala. <<https://www.politize.com.br/o-que-e-lugar-de-fala/>>
- 4 bell hooks – escritora, professora e intelectual negra insurgente – escreve sobre um novo tipo de educação, a educação como prática da liberdade. Para hooks, ensinar os alunos a “transgredir” as fronteiras raciais, sexuais e de classe a fim de alcançar o dom da liberdade é o objetivo mais importante do professor. ‘Ensinando a transgredir’, repleto de paixão e política, associa um conhecimento prático da sala de aula com uma conexão profunda com o mundo das emoções e sentimentos. É um dos raros livros sobre professores e alunos que ousa levantar questões críticas sobre Eros e a raiva, o sofrimento e a reconciliação e o futuro do próprio ensino. Segundo bell hooks, “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. Ensinando a transgredir registra a luta de uma talentosa professora para fazer a sala de aula dar certo. <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf>

Similarmente venho buscando “[...] me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever” (ANZALDÚA, 1981, p. 232). Sob o mesmo ponto de vista, Corazza (2002) ressalta que “[...] somente nessa condição de insatisfação com as significações e verdades vigentes é que ousamos tomá-las pelo avesso, e nelas investigar e destacar outras redes de significações” (CORAZZA, 2002, p.6). Resignificar e atribuir outros sentidos é a força que tem proporcionado minha persistência em seguir no constante questionamento pelas ausências de mulheres negras como referências de narrativas e ciências.

São essas dores de séculos de silenciamentos que tem provocado em minha gente a rebeldia de erguer a voz e gritar se preciso for para que sejamos ouvidas. Não basta ter somente o lugar de fala, se não somos escutadxs e respeitadxs em nossos direitos em dizer que nossas vidas importam, que nossos conhecimentos são válidos.

Considerações finais

Semelhantemente no poder da escrita, incorporo em minhas premissas de mulher negra as afirmações de Anzaldúa (1981) “[...] escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela. Porém, neste ato, reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida” (ANZALDÚA, 1981, p. 234). Mesmo que em muitos momentos a gente tenha que suportar mais do que a nossa capacidade mental e física possam conseguir, não é vergonhoso sentir, e acreditem, nós sentimos e sentimos muito.

“você precisa ser mais parecida com a água
não tem que ser porto seguro a todo instante
pode ser correnteza e aproveitar pra levar algumas
coisas embora
pode ser onda grande no oceano e afogar o que já
não importa
se desfazer nas margens
em grandes pedras
ultrapassá-las
pra notar que nada te impede.
vez em quando virar cachoeira
daquelas enormes e inalcançáveis
ou então lagoa calma, mas distante

só nada quem pegar a trilha
você pode ser aquele fluxo de água que desce entre
as frestas de uma rocha e mostra que algumas rachaduras
são necessárias para que a beleza nasça quente
ou fria, abundante ou serena

Jamais peça desculpas por se derramar! (LEÃO, 2019,
p. 64).

Com o propósito de “criar teoria a partir do lugar da dor e da luta” (HOOKS, 2013, p.103), bell hooks soube trazer para nossa realidade de mulheres negras, a importância de sermos eloquentes sem perder a capacidade de permitir sentir, afetar-se por e com os nossos atravessamentos. Teorizar a partir da dor, desse lugar de machucaduras é tão necessário como fazer alquimia com elementos químicos. Tão plausível como propor debates acalorados dentro das estruturas acadêmicas ou institucionais. A dor tem suas lições. Nos ensina que, além de nos permitir lembrar de nós mesmos e nos recuperar, ela nos provoca e desafia a ressignificar nosso compromisso com aquilo que não é satisfatório ou condizente com a realidade.

Jamais pedir desculpas por me/se derramar é não estar em conformidade com o sistema que está posto, é infligir as barreiras do par campo/cidade (esta última vista como evoluída e civilizada) para que pensamos juntas quais evoluções pretendemos. É ser dissidente por meio da poética das palavras, é provocar micros rupturas até conseguirmos ressignificar o cerne das estruturas, é olhar para cada passo que avançamos como conquistas pertinentes... Aliás, cada linha que escrevemos e falamos de nós, conosco e sobre nós já estamos rompendo com esse hiato que foi posto como separação de mundos. No que der de dialogarmos juntas, a gente segue. No que não der, a gente torce para que possamos nos reencontrar novamente lá adiante.

Que esse derramar não seja apenas de lágrimas e soluços, mas sejam de sorrisos e possibilidades de soluções. Que sejam para dismantelar, nossas mais queridas adesões, sólidas hipóteses e consolidadas práticas teóricas e pedagógicas (CORAZZA, 2002, p. 7), como bem sinaliza Leão (2019) “você pode ser aquele fluxo de água que desce entre as frestas de uma rocha e mostra que algumas rachaduras são necessárias”.

Que possamos parir outrxs dissidentes e que elxs engajem numa pedagogia surgida da dor e do desconforto: os recíprocos e os unilaterais. Que não tenham não terem as respostas, que não se apeguem

as hipóteses solidificadas, mas que estejam curiosxs em desaprender o já-sabido. Que a constante insatisfação sejam os percursos que lhes moverão. Aprender e reaprender, derramar e se recolher de novo, a dor que mais dói é também aquela que mais nos ensina. Boas aprendizagens, então.

Agradecimentos

Agradeço aos meus professores, Pâmela e Samilo pelas contribuições e incentivos. Grata a minha família e amigas por incentivar e colaborar no meu percurso pessoal e acadêmico. Grata à Deus. Sou grata ao X CINABEH por oportunizar estes encontros, diálogos, reflexões e promover estas trocas tão sublimes. Gratidão.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo” (trad. Édna de Marco). **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos I**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. “**Racismo e sexismo na cultura brasileira**”. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade/ bell hooks: Tradução de Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2013.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155, jan. 2002. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100009>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p.

SILVA, Tomaz Tadeu (1999). **Teoria cultural e educação**. Um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 jan. 2021

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TESSAROLO, Felipe Maciel; SILVA, Nathália Esteves da. Claros ou Escuros: um passeio pela história do racismo no Brasil. **COMUNICAÇÃO - REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS, ENSINO** [Curitiba | v. 13| n.13|p. 037-044| 1ºSemestre 2017.